

O pensamento difere da cognição. Fonte das obras de arte, o pensamento se manifesta, sem transformação ou transfiguração, em todas as grandes filosofias, ao passo que a principal manifestação dos processos cognitivos, através dos quais adquirimos e armazenamos conhecimento, são as ciências. A cognição sempre tem um fim definido, que pode resultar de considerações práticas ou de «mera curiosidade»; mas, uma vez atingido esse fim, o processo cognitivo termina. O pensamento, ao contrário, não tem outro fim ou propósito além de si mesmo, e não chega sequer a produzir resultados; não só a filosofia utilitária do *homo faber*, mas os homens de ação e os cientistas que procuram resultados, jamais se cansaram de dizer quão «inútil» é o pensamento — realmente, tão inútil quanto as obras de arte que inspira. O pensamento não pode sequer alegar que fez estas obras de arte, pois elas, como os grandes sistemas filosóficos, não podem ser propriamente chamadas de resultados do pensamento puro, estritamente falando, uma vez que é precisamente o processo de pensar que o artista ou o filósofo que escreve deve interromper e transformar para reificar sua obra. A atividade de pensar é tão incessante e repetitiva quanto a própria vida; perguntar se o pensamento tem algum significado equivale a recair no mesmo enigma irrespondível do significado da vida; os processos do pensamento permeiam tão intimamente toda a existência humana que o seu começo e o seu fim coincidem com o começo e o fim da própria existência humana. Assim, embora o pensamento inspire a mais alta produtividade mundana do *homo faber*, não é de modo algum sua prerrogativa; começa a afirmar-se como fonte de inspiração do *homo faber* somente quando este se ultrapassa, por assim dizer, e se põe a produzir coisas inúteis, objetos que não têm qualquer relação com necessidades materiais ou intelectuais, com as necessidades físicas do homem ou com a sua sede de conhecimento. Por outro lado, a cognição é pertinente a todos os processos, não somente intelectuais ou artísticos; como a própria fabricação, ela é um processo que tem um começo e um fim, cuja utilidade pode ser posta à prova e que, se não produzir resultados, terá fracassado, como fracassa a arte do carpinteiro quando ele fabrica uma mesa de duas pernas. Os processos cognitivos das ciências não diferem basicamente da função da cognição na fabricação;

---

gênio divino de Homero, que «construiu um cosmos com todo tipo de palavras» — *épeon kosmon etektenato pantoion* (Diels, *op.cit.*, B12). A mesma ênfase no artesanato poético está presente na expressão grega para a arte da poesia: *tektones hymnon*.



os resultados científicos produzidos através da cognição são acrescentados ao artifício humano como todas as outras coisas.

Além disto, devemos distinguir tanto o pensamento como a cognição da capacidade de raciocínio lógico, que se manifesta em operações tais como deduções de enunciados axiomáticos ou evidentes por si mesmos, na subordinação de ocorrências isoladas a regras gerais, ou nas técnicas de obter cadeias sistemáticas de conclusões. Nestas faculdades humanas, estamos de fato diante de uma espécie de força intelectual que, em vários aspectos, mais se assemelha à força de trabalho desenvolvida pelo animal humano em seu metabolismo com a natureza. Os processos mentais que se alimentam da força intelectual são geralmente chamados de inteligência, e esta inteligência pode realmente ser medida em testes da mesma forma como a força física pode ser medida em testes da natureza, por terem suas raízes últimas na estrutura do cérebro humano e, para o indivíduo normalmente sadio, possuem a mesma força compulsiva que a necessidade que impele e regula as outras funções do nosso corpo. É próprio da estrutura do cérebro humano ser levado a admitir que dois e dois são quatro. Se fosse verdadeiro que o homem é um *animal rationale* no sentido em que a era moderna concebia esta expressão — ou seja, uma espécie animal que difere das outras pelo fato de ser dotada de força intelectual superior —, então as recém-inventadas máquinas eletrônicas, que às vezes para consternação, e outras vezes para confusão dos seus inventores, são tão mais espetacularmente «inteligentes» que os seres humanos, seriam realmente *homunculi*. Na realidade elas são apenas, como todas as máquinas, apenas substitutos e recursos artificiais para aumentar a força de trabalho humana, adotando o consagrado expediente da divisão do trabalho de subdividir toda operação em seus movimentos constitutivos mais simples — substituindo, por exemplo, a multiplicação pela adição iterativa. A força superior da máquina evidencia-se em sua velocidade, muito superior à da força intelectual humana; graças a essa velocidade superior, a máquina pode dispensar a multiplicação, que é o expediente técnico pré-eletrônico de acelerar a adição. Os computadores gigantescos nada provam senão que a era moderna estava errada ao acreditar, com Hobbes, que a racionalidade, no sentido de «prever as conseqüências», é a mais alta e a mais humana das capacidades do homem, e que os filósofos da vida e do trabalho, Marx ou Bergson ou Nietzsche, estavam certos quando viam neste tipo de inteligência, que confundiam com a razão, mera função do